

Ainda sobre a inscrição Escalabitana na Porta do Pão (*CIL II 34**)

Vasco Gil Mantas¹

Resumo

A publicação recente de uma epígrafe escalabitana inédita, registada num manuscrito conservado em Espanha, na *Real Academia de la Historia*, permitiu detectar no mesmo documento uma cópia da discutida inscrição da Porta do Pão, em Santarém, posta em dúvida por Hübner (*CIL II 34**). Com este testemunho inquestionável, que permite rectificar alguns pormenores do texto transmitido antes por Marinho de Azevedo, fica definitivamente provada a autenticidade do referido monumento, como já defendêramos.

Palavras-chave: Epigrafia; Santarém; Resende; Porras de la Cámara; Romanização.

¹ Professor Auxiliar Aposentado da Universidade de Coimbra, na qual leccionou entre 1977 e 2008. Especialista em arqueologia romana dedica-se igualmente a assuntos de história militar e marítima. É membro de mérito da Academia Portuguesa da História, emérito da Academia de Marinha, do Centro de Investigação Professor Joaquim Veríssimo Serrão, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e membro integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Não adopta as regras do novo acordo ortográfico.

Abstract

The recent publication of an unpublished epigraph from *Scallabis*, recorded in a manuscript preserved in Spain at the Real Academia de la Historia, made it possible to detect in the same document a copy of the disputed inscription of the Porta do Pão in Santarém, which was doubted by Hübner (*CIL* II 34*). With this unquestionable testimony, which makes it possible to rectify some details of the text previously transmitted by Marinho de Azevedo, the authenticity of this monument is definitively proven, as we had already argued.

Keywords: Epigraphy; Santarém; Resende; Porras de la Cámara; Romanization.

1 - Introdução

Publicámos recentemente na revista *Mátria XXI* um artigo acerca da inscrição *CIL* II 34*, que teria sido registada na Porta do Pão, na Ribeira de Santarém (Mantas 2023-2024: 17-54), monumento considerado falso por Emil Hübner apenas por resultar de uma informação atribuída a André de Resende (Fig. 1), obscuramente transmitida por vários antiquários posteriores. Já depois da publicação do referido artigo, quase na mesma ocasião, tomámos conhecimento da publicação por Manuela Dias, no *Ficheiro Epigráfico*, de uma outra epígrafe inédita de Santarém (Dias 2023, *FE* 851). Nesta publicação reproduz-se um manuscrito do erudito espanhol Porras de la Cámara (Gimeno Pascual 2019, pp. 228-234), documento onde se encontra transcrita, no extremo inferior direito da folha, a referida epígrafe da Porta do Pão. Como a nossa intenção era a de provar a

autenticidade de *CIL* II 34*, apesar das dificuldades que o processo envolvia, consideramos interessante, perante a existência deste novo testemunho, retomar a análise que traçámos anteriormente. Como seria de esperar, algumas das reflexões que aqui desenvolvemos assemelham-se ao que então escrevemos, enquanto outras mereceram revisão.

34* 'Na porta do pão' Marinho de Azevedo.

IX. SCALLABIS.

D · M · S
IVLI · MARC · F · AN · XXVIII
IVL · PATERNA · MATER
FILIAE · PIENTISSIMAE
5 OLISIPONENSI · ARAM
POSVIT
H · S · E

E Resendii ms. apud Georgium Cardoso Marinho de Azevedo *Lisboa* 3, 22 (inde Levy 218, 499).

Figura 1 - A inscrição escalabitana da Porta do Pão, segundo Emil Hübner (*CIL* II 34*).

Quando diversos investigadores se ocupam do estudo da epigrafia luso-romana de idênticas áreas é natural que estas coincidências aconteçam, sem que nelas se possa ver mais do que o resultado da limitada divulgação de projectos em curso, como é neste caso a revisão do *Corpus Inscriptionum Latinarum II*, agora em desenvolvimento numa região que inclui Santarém (*Scallabis*). É claro que a existência de investigação paralela não é motivo para inibir, quem não está incluído em tais projectos, de continuar a investigar, projectos que teriam a ganhar com uma troca de opiniões com quem já trabalhou ou trabalha as mesmas áreas. Não invocamos neste caso a nossa antiga e muito forte ligação a Santarém, ainda que o estudo de locais que conservam na nossa memória vivências privilegiadas possa manter o interesse pelo seu passado, impulsionando o retomar da pesquisa. A análise do texto e das circunstâncias do achado e da sua transmissão induziram-nos a admitir a autenticidade de *CIL* II 34*, agora praticamente confirmada.

Vejamos então o que temos de novo para apresentar acerca da inscrição da *Porta do Pão* e dos seus problemas, considerando não existirem doravante razões para excluir a inscrição *CIL* II 34* do *corpus*, ainda bastante reduzido, das epígrafes luso-romanas autênticas de Santarém. Trata-se de uma inscrição que foi vítima da reacção contra a mito-história, onde se destacaram, entre muitos outros, André de Resende e Bernardo de Brito, de autoridade largamente respeitada até ao século XIX, quando começa a ser posta em dúvida, nomeadamente no campo da epigrafia (Hübner 1871, pp. 1-8). A colónia escalabitana, que Plínio afirma ter-se denominada *Praesidium Iulium* (Plínio *NH* 4.117), carece de fontes epigráficas que ilustrem um pouco melhor os seus fastos e a sua estrutura social, pois são poucas e quase nada transmitem sobre a vida pública da cidade. Neste cenário, constituído por menos de uma vintena de inscrições (Guerra 2002, pp. 179-184; Encarnação 2017, pp. 243-262; Dias 2023, *FE* 851), maioritariamente funerárias, é preciso acautelar generalizações. Não é anormal uma situação como esta, pois em sítios de ocupação contínua durante muitos séculos, a repetida reutilização dos materiais pétreos não facilita a sua conservação. Casos como o de Idanha-a-Velha (*Civitas Igaeditanorum*), com as suas muitas dezenas de epígrafes (Sá 2007; Redentor 2023, pp. 259-306), são raros e devem-se, sobretudo, à fraca densidade populacional após o colapso romano e limitada reutilização destrutiva das epígrafes.

Todavia, se a muralha da aldeia de Idanha-a-Velha e as suas rudes habitações permitiram recuperar muitas epígrafes intactas ou quase, no que o granito também teve influência, em Santarém não deixa de ser inquietante a ausência ou a falta de registo de materiais romanos, sobretudo epigráficos, nas muralhas, mesmo nas da Alcáçova, onde reconstruções recentes nada de significativo detectaram. Esta circunstância coincide com a situação geral da epigrafia romana de *Scallabis*. Onde estão as inscrições de uma colónia?

Reutilizadas em alicerces, dificilmente detectáveis, ou destruídas como material para alimentar fornos de cal? Também esta circunstância se revela normal, verificável noutros sítios de razoável riqueza epigráfica, mas onde faltam testemunhos significativos da vida pública local. Mesmo na capital da *Civitas Igaeditanorum* as inscrições referindo magistrados ou homenagens cívicas concentram-se nos primeiros anos da cidade, a exemplo do que sucede em Alcácer do Sal (*Imperatoria Salacia*), cidade que manteve laços com *Scallabis*, assegurados por uma inscrição honorífica levantada pela colónia comemorando *L. Cornelius C. f. Bocchus* (Encarnação 2011, pp. 189-201), achada no solar da Sempre Noiva, perto de Arraiolos (*IRCP* 185). Assim, a maior parte da informação que nos chegou pertence ao enorme grupo de epitáfios funerários, como esta inscrição escalabitana de que nos vamos ocupar novamente e que o epigrafista prussiano arrola entre as *falsae vel allienae* (CIL II 34*).

Porém, não basta a origem da informação acerca da sua existência provir de um desconhecido manuscrito de André de Resende para condenar o monumento. Os autores que primeiro publicaram a inscrição, nomeadamente Marinho de Azevedo (Fig. 2), limitaram-se a reproduzir o texto presumivelmente recolhido por Resende, do qual Jorge Cardoso, autor que coligiu numerosa documentação quando preparava o seu *Agiologio Lusitano*, terá tido conhecimento (Fernandes 1997, pp. 105-132). É verdade que as invenções de Resende são conhecidas e ousadas. Todavia, sempre procuravam provar alguma ideia ou referiam figuras destacadas da história da conquista romana da Hispânia, muitas vezes para enobrecer o passado de certas povoações, como Évora, e propor *exempla* (Encarnação 1991, pp. 193-221; Melo 2013, pp. 293-311), circunstâncias que não verificam neste caso.



Figura 2 – A inscrição da Porta do Pão na edição de Marinho de Azevedo de 1652.

Hübner refere rapidamente várias edições do texto da epígrafe, seguindo a edição de 1753 de Azevedo, as quais não estão isentas de pequenos lapsos. Eis o que Marinho de Azevedo, autor e compilador seiscentista, transmitiu com interesse para a inscrição da Porta do Pão: *Em um caderno de várias antiguidades que foi de Mestre André de Resende estava a pedra [alude a uma inscrição de Lisboa] referida com outras inscrições romanas cujo treslado tem em seu poder o licenciado Jorge Cardoso em seus manuscritos* (Marinho de Azevedo 1652, p. 223; 1753, p. 21). Um pouco adiante, antes de transcrever a epígrafe, anota

o seguinte: *Outra pedra diz o mesmo Resende, que estava na Porta do Pão em Santarém, a qual trazemos aqui por ser de Lisboa a mulher que nela estava sepultada* (Marinho de Azevedo 1652, p. 226; 1753, p. 22). Este autor refere ainda que Resende tencionava redigir uma obra sobre as antiguidades de Lisboa, para a qual compilava material, conhecendo-se a sua actividade, na cidade e nos arredores. Resende, na sua obra póstuma *De Antiquitatibus Lusitaniae*, tratou sobretudo do Sul de Portugal (Resende 1593, pp. 170-244), talvez por planear publicar o referido trabalho. Seja como for, o caderno, que talvez possamos relacionar com os manuscritos que Leitão Ferreira diz terem sido oferecidos pelo eborense ao Cardeal-infante D. Afonso, intitulados *Antiqua Epitaphia e Monumenta Romanorum in Lusitania Urbibus*, sobretudo este último, também perdidos como o célebre caderno referido por Marinho de Azevedo (Ribeiro 2016, pp. 159-161).

Na sequência deste apontamento não podemos deixar de referir a inclusão da epígrafe no anexo dos monumentos achados fora de Lisboa, mas relacionados com olisiponenses, por parte de Augusto Vieira da Silva, que a transcreve de Marinho de Azevedo (Silva 1944, p. 265), autor que invoca a mesma razão para incluir a inscrição na sua obra. O facto deste monumento funerário referir uma olisiponense não é anormal na epigrafia de Santarém, como mostram as duas aras funerárias de Santa Maria da Alcáçova (CIL II 327-328), nas quais se refere explicitamente uma origem olisiponense, daí resultar normal esta inclusão. Porém, verifica-se a falta da referência a CIL II 34*. O olisipógrafo conhecia muito bem o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que cita com frequência a propósito de outras inscrições romanas de Lisboa, pelo que esta omissão é estranha.

Teria este investigador considerado a inscrição autêntica, como parece, optando por não fazer referência à sua condenação por Hübner como uma falsificação? Também José Vives, a partir de Vieira

da Silva, parece ter aceiteado a autenticidade na sua antologia, sem a questionar (*ILER* 3513). Apesar da posição do olisipógrafo, a inscrição continuou até ao presente considerada como um falso, ainda que se incluía, a partir da referência de Vieira da Silva, numa obra recente sobre a antroponímia da Lusitânia (Grupo Mérida 2003, p. 257). Perante o novo testemunho documental a autenticidade parece agora totalmente comprovada.

2 – A inscrição *CIL* II 34* e as suas fontes

A localização da inscrição não levanta problemas de topografia, situando-a sempre os seus editores na Porta do Pão, em Santarém, repetindo a indicação do *Caderno* de Resende. As muralhas medievais de Santarém possuíam, no seu traçado, uma estrutura complexa, resultante da topografia da vila (Vasconcelos 1740, p. 19), contando com várias cercas mais ou menos independentes, cobrindo a Alcáçova e Marvila, Alfange e Ribeira (Beirante 1980, pp. 21-22, 109, 112). Objecto de diversas alterações e restauros, contavam com várias portas, quase todas desaparecidas (Beirante 1980, pp. 56-59), encontrando-se já em mau estado por inícios do século XVIII. A chamada Porta do Pão pertencia ao muro da Ribeira e mereceu esta denominação popular devido ao facto de ser a porta que servia o porto fluvial por onde entravam os cereais.

À porta, destruída no século XVIII, se refere o Padre Inácio de Vasconcelos nos seguintes termos: *Na mesma povoação da Ribeira, na praça dela para a parte do Sul, sobre a porta a que o vulgo chama do Pão (Pam), está situada a Ermida de Nossa Senhora da Glória com sua escada de pedra por onde se sobe para se entrar naquele santuário, cuja Ermida ou Capela é anexa a esta paróquia de Santa Iria* (Vasconcelos 1740, pp. 384-385). Este autor não refere a epígrafe, talvez por já se

encontrar destruída à época em que escreveu. Quanto à porta não há dúvidas quanto a sua localização, não muito longe do Padrão de Santa Iria. Servia o terreiro do areal da Ribeira dos Barcos (Fig. 3), bem representado na iluminura executada por António de Holanda em 1530 (Holanda 1530, BM Ms 12531/3, f. 8).



Figura 3 – Pormenor da iluminura de António de Holanda com a Ribeira dos Barcos (BM, Londres).

A propósito desta venerável tradição escalabitana devemos ter em conta a possibilidade de o sarcófago atribuído à mártir ter pertencido a uma necrópole romana situada na zona ribeirinha, por onde passava a via romana que se dirigia a *Emerita* e *Bracara* (Mantas 2018, pp. 39-74), estrada que, tal como o sarcófago da lenda, poderá ter sido posta a descoberto por uma cheia, como em 1581 foi visto por Erich de Steblovo (Cavalheiro e Dias 1947, p. 226). Se a esta necrópole pertenceu provavelmente a inscrição da Porta do Pão, já não estamos agora tão convencidos de ter pertencido ao mesmo grupo das que foram registadas por Inácio de Vasconcelos em Santa Maria da Alcáçova, (Vasconcelos 1740, pp. 87-88), embora com letreiros e

ordenação algo semelhantes (*CIL* II 327-328). Veremos a seu tempo esta questão, face ao manuscrito do erudito hispalense. Estas inscrições podiam, aliás, ter pertencido a outra necrópole, situada sobre de uma das calçadas que uniam a Alcáçova à Ribeira, descritas por Vasconcelos na sua obra (Vasconcelos 1740, pp. 14-16). A topografia do sítio de Santarém e a forma como se estruturava a colónia romana, não facilitam a localização de materiais arqueológicos sem contexto seguro.

O manuscrito de Porras de la Cámara encontra-se na *Real Academia de la Historia* (RAH 2 MS 23), em Madrid, cujo acervo epigráfico tem proporcionado ultimamente importantes descobertas. O documento, para além das informações que faculta, com alguma desordem, pois recolhe informação de várias origens e mostra, inclusivamente, letras de diferente mão, é um excelente exemplo do intercâmbio entre eruditos nos séculos XVI e XVII, pois nele encontramos, directa ou indirectamente, várias presenças marcantes dessa época, como Ambrósio de Morales e Alfonso Chacón (Gimeno Pascual 2019, pp. 228-234). Ora neste manuscrito, precedidas por referências a Terena, incluem-se várias inscrições de Santarém, uma das quais se encontrava ainda inédita e foi agora publicada por Manuela Dias (*FE* 250 851). Ao lado desta encontra-se a transcrição da epígrafe *CIL* II 34*, com a indicação em latim *junto à porta que chamam do pão* (Fig. 4). Referência aurida em André de Resende ou por observação da pedra? Manuela Dias sugere que a correcção inserida na inscrição de *Munatius* e *Saturnia*, agora publicada, resultou da observação directa da pedra, que teria levado a fazer uma pequena correcção. Este pormenor leva-nos a considerar que o texto da inscrição que aqui voltamos a analisar pode igualmente ter sido visto

por quem fez a correcção, o que imediatamente comprova a nossa proposta de autenticidade.

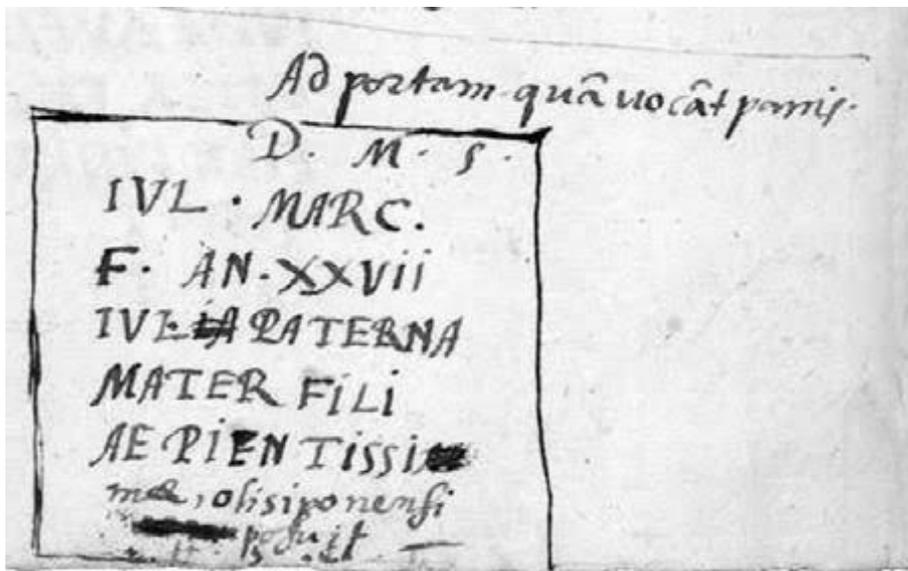


Figura 4 – A inscrição da Porta do Pão no manuscrito de Porras de la Cámara (RAH, Madrid).

Antes de prosseguir recordemos a versão habitual da inscrição da Porta do Pão, na verdade poucas e repetitivas.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) · / IVL(ia) · MARC(i) · F(ilia) · AN(norum) · XXVIII / IVL(ia) · PATERNA · MATER / FILIAE · PIEN TISSIAE / OLISIPONENSI · ARAM / POSVIT / H(ic) · S(ita) · E(st) ·

Consagrado aos deuses Manes. Júlia, filha de Marco, de vinte e sete anos de idade (*sic*), natural de Olisipo, está aqui sepultada. A mãe, Júlia Paterna, colocou a ara à filha pientíssima.

Memória consagrada aos deuses do Inferno. Júlia filha de Marco de vinte e sete anos está aqui sepultada, sua mãe Júlia Paterna pôs esta ara a sua filha piedosíssima natural de Lisboa (versão de Marinho de Azevedo, 1652).

D(is) · M(anibus) · S(acrum) · / IVL(ia) · MARC(i) · / F(ilia) · AN(norum) · XXVII / IVL(ia) · PATERNA / MATER FILI/AE PIENTISSI/MAE / OLISIPONENSI [---] / POSVIT / H(ic) · S(ita) · E(st) ·

Consagrado aos deuses Manes. Júlia, filha de Marco, de vinte e sete anos de idade, natural de Olisipo, está aqui sepultada. A mãe, Júlia Paterna, colocou [*rasura*] à filha pientíssima (versão RAH 2 MS 23).

Bibliografia: [Resende (?), *Manuscrito*]; RAH 2 MS 23; Marinho de Azevedo, 1652: III, 223, 226; 1735: III, 21-23; Jordão, I, 1859: 218, 449; *CIL* II 34*; Silva, 1944: 265; ILER 3513; Mantas, 2023: 20-34; Dias, 2023 *FE* 851.

A lição do *Corpus* não difere particularmente da versão transmitida por Marinho de Azevedo, a partir do famoso *Caderno* na posse de Jorge Cardoso. Podemos distinguir uma diferença na indicação da idade de *Iulia*, que na edição de Azevedo de 1753 ocorre como XXVIII anos, embora a tradução da epígrafe mantenha a indicação vinte e sete, provável lapso de tipografia, enquanto na edição de 1652 indica XXVII (Marinho de Azevedo 1652, p. 226; 1753, p. 22). O manuscrito de Porras de la Cámara indica claramente XXVII. Outras pequenas diferenças, pouco significativas, relacionam-se com a pontuação e translineação, menos equilibradas que na versão de Marinho de Azevedo, que não corta palavras. A colocação pouco usual da naturalidade da defunta sugere, igualmente, um lapso, sem que possamos dizer muito mais. Em Santarém, como exemplos correctos, podemos indicar duas inscrições de Santa Maria da Alcáçova (*CIL* II 327-328), além de uma epígrafe das cercanias de Coruche (*IRCP* 415). As últimas três verbas no manuscrito, em letra cursiva, serão uma reconstituição ou representam, letras de módulo menor? Cremos, todavia, que se trata de uma diminuição tornada obrigatória pela exiguidade do espaço ainda disponível na folha do manuscrito.

Resumindo, cremos que a versão do manuscrito espanhol, que sugere francamente uma visualização da epígrafe, corresponde ao que se via na pedra, resultando de correcções. Parece-nos particularmente importante a rasura tipo borrão (Tenório 2018, p. 21), que fez desaparecer a menção à ara, pormenor impossível de ignorar. Teria cometido um lapso quem primeiro copiou a inscrição, talvez Resende, que conheceria pelo menos uma ou outra das raras inscrições escalabitanas conhecidas no século XVI, como as que se encontravam em Santa Maria da Alcáçova, onde se indicavam olisiponenses e cuja tipologia se adequava (CIL II 327, 328, 330), com textos próximos ao que se lia na inscrição da Porta do Pão? Ou teria sido Mariangelo Accursio, em 1527, durante a sua digressão portuguesa, quando copiou a desaparecida inscrição CIL II 330, de Santa Maria da Alcáçova (Deswarte-Rosa 2012, pp. 19-112), que registou e transmitiu o texto da epígrafe? Novas pesquisas de arquivo talvez nos tragam outras descobertas como esta. Seja como for, o problema da autenticidade deixou de ter sentido.

3 – Comentário

Traçaremos seguidamente um pequeno comentário, sem a preocupação da exaustividade, tanto mais que grande parte do seu conteúdo será redundante. Voltamos a chamar a atenção para o facto de Santarém se prestar às elucubrações historicistas de Resende, neste caso em torno de Júlio César – *Praesidium Iulium*, não o esqueçamos – o que não se verifica, concorrendo para a claríssima autenticidade do letreiro, como sempre assumimos. O texto do monumento recorda o de outra inscrição de Santarém, a de *Antonia Modesta* (CIL II 330), embora nesta a fórmula de consagração aos Manes ocorra simplificada. A fórmula, D.M.S., é normal, sugerindo uma

datação de inícios do século II, com o que concorda o adjetivo *Pientissima*, denunciando a evolução dos textos funerários e o conseqüente abandono da simplicidade republicana.

A idade do falecimento, decerto vinte e sete anos, é normal recaindo na faixa de maior mortalidade presente nos epítafios romanos, assunto nem sempre fácil de investigar (Encarnação 1984, pp. 780-781; Scheidel 2001, pp. 1-82). Considerando a idade da filha de *Iulia Paterna* aquela poderia tratar-se de uma viúva ou celibatária, situações normais (Mueller 2010, pp. 295-303). No monumento interveio apenas a mãe, circunstância que na região Oeste se verifica em 38% das epígrafes funerárias com referências femininas (Mantas 2024, pp. 33, 43). A fórmula verbal *Posuit* não é vulgar, mesmo em centros como *Olisipo* (*ILER* 4035, 4634), notando-se a sua presença significativa na região pacense, sobretudo em *cupae* realistas (Encarnação 1984, p. 836). Encontramo-la, todavia, muito perto de Santarém, em Almoester, na ara levantado ao filho por *C. Lusidius Rufus* (*CIL* II 310). Quanto à fórmula que encerra o texto, H.S.E., é muito vulgar, desprovida ainda do voto complementar S.T.T.L., o que aponta, provavelmente, para uma datação alta no século II. A título de curiosidade avançamos que a primeira destas siglas, nas inscrições que referem indivíduos femininos na Sub-região Oeste, completa ou simplificada, desaparece a norte de Santa Cruz, o que parece indicar alguma influência dos hábitos epigráficos do município olisiponense (Mantas 2024, p. 46).

Vejamos agora alguma coisa acerca das pessoas referidas na inscrição da Porta do Pão. Apesar do seu estatuto ser pouco claro, podemos considerá-los todos olisiponenses, participantes de um grupo que, independentemente da sua origem, parece ter gozado de alguma largueza de meios, como as aras que sobreviveram demonstram, considerando a sua relativa raridade na Hispânia (Vives

1971, p. 345). A ligação, por razões de proximidade e, sobretudo, de ordem económica, explicam perfeitamente esta apetência dos olisiponenses pela colónia escalabitana. O gentílico da defunta, *Iulia/us*, cuja denominação segue ainda um modelo peregrino (Grupo Mérida 2003 pp. 415-417), desprovida de cognome, é o de maior representatividade tanto na Hispânia como na Urbe, alcançando, como é sabido, a máxima concentração na Lusitânia no território olisiponense (Abascal 1994 pp. 29-30; Grupo Mérida 2003, pp. 197-204, 407), confirmando-se a forte capacidade de projecção da cidade da foz do Tejo, muito para além do seu território municipal, como se verifica neste grupo de olisiponenses domiciliados em *Scallabis*. Na verdade, seria de esperar um grupo de *Iulii/ae* mais significativo, acontecendo que, por coincidência, são todos indivíduos do género feminino.

Preferiam os representantes da família *Iulia*, em parte pertencentes a clientelas antigas, residir em *Olisipo*, deslocando-se a *Scallabis* apenas quando necessário? Se assim fosse, talvez se confirmasse a tese da pequenez de *Scallabis* enquanto cidade (Encarnação 2017, pp. 243-262), incapaz de concorrer com *Olisipo* como centro de atracção. Por que razão aparece o *agger* olisiponense tão povoado e a região em torno de *Scallabis* muito menos? É evidente que o padrão de povoamento não se pode deduzir apenas da presença de monumentos epigráficos ou através da sua falta, mas é um indicador que exige explicação. Sublinhamos, todavia, que a importância da cidade como centro de comunicações, terrestres e fluviais, não deixou de pesar na sua escolha como capital conventual.



Figura 5 – Distribuição na Lusitânia, muito dispersa, do cognome Paterna (local dos achados).

O prenome do pai, *Marcus*, é muito vulgar na Hispânia, onde ocupa o terceiro lugar, mas tem pouca representação na região ocidental da Lusitânia (Abascal 1994, p. 28; Grupo Mérida 2003, p. 229). O cognome da mãe, *Paternus/a*, apesar de razoavelmente representado na Hispânia, onde ocupa o vigésimo terceiro lugar (Abascal 1994, p. 31; Grupo Mérida 2003, p. 257), ascendendo à oitava posição na Lusitânia, com um registo muito disperso, com o que concorda a forma feminina (Fig. 5), que inclui seis detentoras do cognome com identificação cidadã (*Egma*, *Attia*, *Licinia*, *Minicia* e duas

Iuliae). Na região perto de Santarém regista-se, por exemplo, na forma masculina em S. Gião da Nazaré, epígrafe erradamente atribuída a Alfeizerão ou a uma inexistente *Serra de Brito* (CIL II 358; Grupo Mérida 2003, p. 282), e em S. Lourenço dos Francos, perto da Lourinhã, na forma feminina (Moreira 1976, pp. 127-128). O único exemplo de homonímia registou-se com a *Iulia Paterna* de Beja (IRCP 263). O antropónimo mostra uma grande concentração em *Clunia* (Coruña del Conde), cidade da qual se estabeleceu em *Olisipo* gente de elevado estatuto social (CIL II 214), o que poderá, talvez, explicar a sua presença, embora limitada, na zona litoral ocidental a norte do Tejo (Silva 1944, pp. 135-136; Abascal 1994, pp. 449-450). É um cognome latino relacionado com laços de parentesco, neste caso com o progenitor, o que o torna pouco vulgar entre escravos (Kajanto 1965, pp. 19, 79-80, 304), podendo, eventualmente, substituir um nome hispânico com semelhante sentido, o que explicará parte dos muitos *nuda nomina* que integram a sua representação na Península Ibérica, difundidos num fundo maioritariamente indígena.

4 - Conclusão

A confirmação da transcrição da epígrafe da Porta do Pão, em Santarém, no manuscrito de Porras de la Cámara, resolve definitivamente o problema da autenticidade do monumento suspeitado por Hübner (CIL II 34*). Comprova-se o que defendemos acerca desta inscrição, ao considerá-la autêntica, apesar de todas as dúvidas levantadas, o que mostra o perigo de observar preconceitos em relação a este ou aquele erudito, prática que deve ser substituída, com vantagem, por uma análise crítica dos monumentos questionáveis, desde logo tendo em conta qual o objectivo pretendido pelos eventuais falsários (Mantas 2019, pp. 197-231). O exemplo deste achado documental apela a novas pesquisas em arquivos,

nacionais e estrangeiros, pois não é possível esquecer a ampla circulação de informação epigráfica entre os humanistas e antiquários da Época Moderna. Em epigrafia as surpresas agradáveis são sempre possíveis e a revisão de textos já publicados sempre conveniente quando envolvem dúvidas, como neste caso. Terminamos fazendo votos para que o *corpus* epigráfico escalabitano continue a crescer, aproximando-se de outros e abrindo novas perspectivas de estudo à romanização do que é hoje o Ribatejo.

Bibliografia

ABASCAL, J. M., *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, Universidad de Murcia, 1994.

BEIRANTE, Maria Ângela, *Santarém medieval*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1980.

CAVALHEIRO, Rodrigues & DIAS, Eduardo, *Memórias de forasteiros*, I, Lisboa, Clássica Editora, 1947.

DESWARTE-ROSA, S., “Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527”, in *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, BERBARA, M. & ENENKEL, K. (eds.), Leida, Brill, 2012, pp. 19-112.

DIAS, Manuela Alves, “Uma nova inscrição de Santarém no manuscrito de Porras de la Cámara (RAH Madrid 2 MS 23)”, *Ficheiro Epigráfico*, 250, 851 (2023), pp. 13-16

ENCARNAÇÃO, José de, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1984 (= *IRCP*).

ENCARNAÇÃO, José de, “Da invenção de inscrições romanas pelo humanista André de Resende”, *Biblos*, 67, (1991), pp. 193-221.

ENCARNAÇÃO, José de, “Cornelii Bocchi de Olisipo, Scallabis e Salacia”, in *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, CARDOSO, J. L. & ALMAGRO-GORBEA, M. (eds.), Lisboa - Madrid, Academia Portuguesa da História - Academia Real de la Historia, 2011, pp. 189-201.

ENCARNAÇÃO, José de, “Os monumentos epigráficos, retratos de vida... em Scallabis”, *Mátria XXI*, 6, (2017), pp. 243-262.

FERNANDES, Maria de Lurdes, “A biblioteca perdida de Jorge Cardoso (+1669) e a biblioteca do Agiologio Lusitano”, *Via Spiritus*, 4, (1997), pp. 105-132.

GIMENO PASCUAL, H. “Alfonso Chacón: manuscritos y epigrafía”, in *Cultura Epigráfica y Cultura Literaria. Estudios en Homenaje a Marc Mayer i Olivé*, G. BARATTA, A. BUONOPANE & J. VELAZA (coords.), Faenza, Fratelli Lega, 2019, pp. 228-234.

GRUPO MÉRIDA, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida - Bordéus, Fundación de Estudios Romanos - Ausonius, 2003.

GUERRA, Amílcar, “A epigrafia de Scallabis”, in *De Scallabis a Santarém*, ARRUDA, A. M., VIEGAS, C. & ALMEIDA, M. J. (coords.), Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 179-184.

HOLANDA, António de, *Genealogia das casas reais de Espanha e Portugal*, (Londres, British Museum, Add Ms 12531/3, f. 8).

HÜBNER, Emil, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, Georgium Reimerum, 1869 (= *CIL*).

HÜBNER, Emilio, *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências, 1871.

JORDÃO, Levy Maria, *Portugalliae inscriptiones romanas*, Lisboa, Tipografia Académica, 1859.

KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, Societas Scientiarum Fenica, 1965.

MANTAS, Vasco, “A colónia de Scallabis como centro viário de primeira importância”, *Mátria XXI*, 7, (2018), pp. 39-74.

MANTAS, Vasco, “Eruditos, falsificações e miliários”, *Biblos*, 3ª série, 5, (2019), pp. 197-231.

MANTAS, Vasco, “A inscrição romana da Porta do Pão (CIL II 34*) e a Gens Iulia em Santarém”, *Mátria XXI*, 12, (2023), pp. 17-54.

MANTAS, Vasco, “Uma presença quase invisível. As mulheres na epigrafia romana da Região Oeste”, in *Turres Veteras XXV. Mulheres*, C. G. Silva (coord.), Torres Vedras, Colibri - Câmara Municipal de Torres Vedras, 2024, pp. 21-52.

MARINHO DE AZEVEDO, Luís, *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*, Lisboa, Oficina Craesbeckiana, 1652; Oficina de Manoel Soares, 1753.

MELO, A. Martins, “André de Resende e o De Antiquitatibus Lusitaniae. O lugar dos exempla na construção retórica do discurso”, in *Exempla Fidem Faciunt*, HARTO TRUJILLO, M. & VILLALBA ÁLVAREZ, J. (eds.), Madrid, Ediciones Clásicas, 2013, pp. 293-311.

MOREIRA, J. B., “Duas inscrições funerárias romanas da igreja de S. Lourenço dos Francos”, *Conimbriga*, 15, (1976), pp. 127-131.

MUELLER, I., “Single women in the Roman funerary inscriptions”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 175, (2010), pp. 295-303.

PLÍNIO-O-VELHO, *C. Plinii Secundi Naturalis Historiae*, JAN, L. & MAYHOFF, C. (eds.), Estugarda, Teubner, 1967.

REDENTOR, Armando, “Apontamentos sobre a paisagem epigráfica da capital dos Igaeditani”, in *Valete Vos Viatores*, ANDREU PINTADO, J., REDENTOR A. & ALGUACIL VILLANÚA, E. (eds.), Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, pp. 259-306.

RESENDE, André de, *Liber Quator de Antiquitatibus Lusitaniae*, 1593, Eborae, Martinus Burgensis Academia Typographus, 1593.

RIBEIRO, J. C., “Ad antiquitates vestigandas. Destinos e itinerários antiquaristas nos campos olisiponenses ocidentais desde início do século XVI”, in *Peregrinationes ad Inscriptiones Colligendas. Estudos sobre epigrafia de tradición manuscrita*, GONZÁLEZ GERMAIN, G. (coord.), Bellaterra, Universidad Autónoma de Barcelona, 2016, pp. 135-249.

SÁ, Ana de, *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, Município de Idanha-a-Nova, 2007.

SCHEIDEL, W., "Progress and problems in Roman Demography", in *Debating Roman Demography*, W. Scheidel (ed.), Leida, Brill, 2001, pp. 1-82

SILVA, A. Vieira da, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1944.

TENÓRIO, M. Antônio, *Classificação de rasuras em textos manuscritos*, Maceió, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2018.

VASCONCELOS, Inácio da Piedade, *História de Santarém edificada*, I, Lisboa, Congregação do Oratório, 1740.

VIVES, José, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, CSIC, 1971-1972 (= *ILER*).